

# UMA APROXIMAÇÃO À PARÁBOLA DO SEMEADOR NO EVANGELHO DE SÃO MARCOS

## *AN APPROACH TO THE PARABLE OF THE SEEDER IN THE GOSPEL OF SAINT MARK*

*Felipe Capestana da Silva\**

*Cesar Augusto Veras\*\**

*José Edmilson Schinelo\*\*\**

**Resumo:** O objetivo deste trabalho consiste em interpretar a passagem bíblica da parábola do sementeiro, a partir do evangelho de Marcos 4,3-9, com a intenção de retirar tesouros revelados, a fim de alimentar ainda mais os corações dos homens. O método adotado foi a pesquisa bibliográfica. Nossas pesquisas dão conta que a exegese bíblica possibilita o contato íntimo com a Palavra de Deus, proporcionando assim uma atualização da mensagem revelada. A linguagem divina comunica e realiza sua beleza na existência humana. Nesse sentido, a parábola do sementeiro nos apresenta as sementes que são lançadas em três terrenos inférteis e um terreno bom. Tais terrenos representam o solo do coração do homem que pode estar fechado à vontade divina. Porém, a insistência do sementeiro é proposital, sustenta os desígnios do Deus da esperança que jamais abandona.

**Palavras-chave:** Exegese. Sementeiro. Parábola. Caminho. Ensino.

**Abstract:** The objective of this work is to interpret the biblical passage from the parable of the sower, from the Gospel of Mark 4,3-8, with the intention of removing revealed treasures, in order to further feed the hearts of men. The method adopted was bibliographic research. Our research shows that biblical exegesis enables intimate contact with the Word of God, thus providing an update on the revealed message. The divine language communicates and realizes its beauty in human existence. In this sense, the parable of the sower presents us with the seeds that are thrown in three infertile lands and good soil. Such lands represent the soil of man's heart that can be closed to the divine will. However, the sower's insistence is purposeful, sustaining the designs of the God of hope who never abandons.

**Keywords:** Exegesis. Sower. Parable. Path. Teaching.

## 1. Introdução

Chamamos a nossa primeira tarefa de pré-exegese do texto bíblico, que consiste em montar uma tradução do texto na língua portuguesa a qual denominamos de texto

---

\* Graduado em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco e graduando em Teologia pela mesma instituição. E-mail: felipeapestana98@gmail.com

\*\* Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e especialista em Docência no Ensino Superior e em MBA Executivo em Gestão Empresarial pela mesma instituição. Atualmente cursando graduação em Teologia pela UCDB. E-mail: veras.cesaraugusto@gmail.com

\*\*\* Licenciado em Filosofia (Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso - FUCMAT). Bacharel em Teologia (ITEO/Faculdade Nossa Senhora de Assunção). Mestre em Teologia – Leitura e Ensino da Bíblia (Faculdades EST). E-mail: edmilson@ucdb.br

confiável. Para chegar ao texto confiável, analisamos as traduções da Bíblia do Peregrino; Bíblia Pastoral; Bíblia de Jerusalém; Bíblia da CNBB<sup>1</sup> e Bíblia Almeida corrigida e revisada, todas essas traduções em contraste com a tradução original grega.

Desse modo, segue o texto que nos baseamos ao longo dessa exegese: “<sup>3</sup> Ouvi! Um semeador saiu a semear. <sup>4</sup> Ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, vieram os pássaros e a comeram. <sup>5</sup> Outra parte caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra; brotou logo, porque a terra não era profunda; <sup>6</sup> Mas, ao sair o sol, queimou-se e secou, por não ter raiz. <sup>7</sup> Outra parte caiu entre os espinhos; os espinhos cresceram e a sufocaram e não deu fruto. <sup>8</sup> E outra parte caiu na terra boa e deu fruto, brotou, cresceu e produziu trinta, outra sessenta e outra cem. <sup>9</sup> E acrescentou: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!”<sup>2</sup>.

A exegese bíblica se detém nos escritos sagrados, a fim de refleti-los como meio para estabelecer o contato íntimo com Deus que aí se dá a conhecer. Por isso, o próprio Cristo, enquanto principal semeador, confia-nos a Palavra de Deus. A Sagrada Escritura é considerada a regra suprema da fé da Igreja, bem como a Sagrada Tradição. É inspirada por Deus e utiliza das capacidades humanas como instrumento para fazer ouvir a voz do Espírito Santo à humanidade. Nesse sentido, é fundamental que

toda a pregação eclesial, assim como a própria religião cristã, seja alimentada e regida pela Sagrada Escritura. Com efeito, nos livros sagrados, o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro de seus filhos, a conversar com eles; e é tão grande a força e a virtude da palavra de Deus que se torna o apoio vigoroso da Igreja, solidez da fé para os filhos da Igreja, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual.<sup>3</sup>

Assim, desejamos analisar o evangelho de Marcos com os olhos do pesquisador e o coração da fé. Há vários métodos de se desenvolver a exegese bíblica. O caminho que decidimos percorrer inicia com a análise literária do evangelho, composta por quatro etapas: primeiro a delimitação do texto, a coesão interna, o gênero literário e a intertextualidade. Depois, passamos à análise histórico-sociológica para, enfim, chegarmos ao cume do texto, na análise teológica.

---

<sup>1</sup> CNBB refere-se à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

<sup>2</sup> Mc 4,3-9

<sup>3</sup> *Dei Verbum*, n.21

## **2. Análise literária**

### *2.1. Delimitação do texto*

O evangelho de Marcos possui 16 capítulos<sup>4</sup>, com um apêndice<sup>5</sup> inserido posteriormente. Segundo dados históricos, o evangelho de Marcos foi redigido por volta do ano 65 d. C., sendo portanto, o primeiro evangelho a ser escrito. No que diz respeito ao conteúdo da obra, é desenvolvido por um caminho narrativo que discorre sobre as obras e a pregação de Jesus de Nazaré.

De uma forma geral, encontramos na literatura do evangelho unidades narrativas que se complementam entre si, relatos biográficos de vários gêneros, teofanias, relatos de milagres, paradigmas, parábolas e outros ensinamentos. O texto caracteriza-se em seu estilo “pelo pouco cuidado no uso do vocabulário, pela liberdade no emprego da sintaxe e pela vivacidade e realismo de seus relatos”<sup>6</sup>. Sobre a estrutura do texto, podemos afirmar que existe a possibilidade de encontrarmos em Marcos de duas a seis partes, por isso “há quem encontre estruturas capazes de incluir todo o material sob o modelo de narrativa dramática ou nele descobre uma narração concêntrica ou quiasmática”<sup>7</sup>.

A Bíblia de Jerusalém comenta que na primeira parte do evangelho temos como prólogo Mc 1,2-20. Na sequência, o evangelho vai mostrando quem é Jesus, passa pela profissão de fé de Pedro e pouco a pouco direciona para a morte de Jesus, culminando na profissão de fé do centurião. Ademais, Marcos também descreve, de forma geral, o ministério de Jesus (1,14-15; 1,16-20). Portanto, todo o conjunto de unidades menores e maiores, presentes na estrutura do texto, formam uma unidade bem estruturada.

Conforme a perícopes do semeador retirada do evangelho de Marcos (Mc 4,3-8), encontramos um texto que se encaixa no gênero literário de parábola e, é destinado, sobretudo aos doze. Esse é um dos relatos que fazem parte da vida pública de Jesus. Descreve o seu ministério na Galileia e apresenta o ensinamento do Mestre com o auxílio de parábolas.

Esse texto faz parte da forma didática de Jesus anunciar o Reino, por meio da linguagem figurativa de comparações ou semelhanças, certamente para cooperar com a qualidade de entendimento dos que o escutavam. A parábola está intimamente ligada às incompreensões que Jesus recebia. Por isso, é necessário utilizá-la como um instrumento

---

<sup>4</sup> Mc1,1-16,8.

<sup>5</sup> Mc16,9-20.

<sup>6</sup> MONASTERIO, 2012, p.99.

<sup>7</sup> MARCONCINI, 2012, p.96.

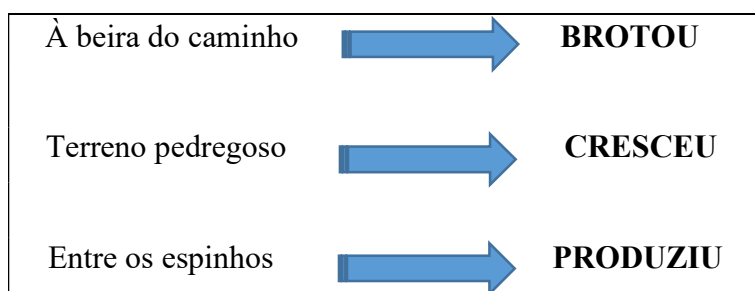
para a compreensão. Jesus fala sobre a semente, a terra, os espinhos, etc. De fato, a linguagem agrícola reflete condições e costumes galileus.

Entretanto, como já afirmado, é muito provável que essa parábola tenha sido direcionada especialmente aos apóstolos de Jesus, pois era necessário ensinar o que mais tarde passa a ser a missão deles, isto é, explicar ao povo sobre o mistério do reinado de Deus, sobretudo com a ajuda das parábolas, assim como Jesus fazia para transmitir a mensagem do Pai.

## 2.2. Coesão interna

Podemos estruturar a coesão interna de Mc 4,3-9 em três grandes etapas que estão intimamente interligadas. A primeira chamamos de Abertura (v.3), que pode ser caracterizada pela exortação de Jesus “ouvi!”. Na sequência encontramos um desenvolvimento que possui quatro subdivisões, a parte que caiu a beira do caminho (v.4), a outra parte que caiu em terreno pedregoso (v.5-6), a outra que caiu entre os espinhos (v.7) e por último a parte que caiu na terra boa (v.8). Após o desenvolvimento temos um fechamento do texto que a propósito retoma o mesmo verbo de exortação utilizado por Jesus na abertura, aqui colocado como: “ouça!”.

É curioso que para três lugares que a semente não é capaz de brotar temos três verbos que se apresentam no quarto ponto do desenvolvimento, e que podem ser indicados como resposta a essa “não capacidade de germinação”, vejamos o esquema:



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nosso texto segue um escrito em prosa que pode ser classificado como parábola, enquanto gênero literário menor, mais adiante nos deteremos na questão específica do gênero literário. Podemos perceber a presença de alguns personagens no texto e o próprio Jesus como alguém que conta a história bem como aqueles que o escutam. Temos outros

personagens: o semeador, a semente os pássaros, o terreno pedregoso, o sol, os espinhos e a terra boa.

Ademais, apontamos esses personagens também como “imagens” utilizadas pelo autor que imprimem sentido no texto. Acrescentamos algumas outras como o caminho, o “sair a semear”, a raiz e o fruto. Nesse sentido, observamos que essas palavras ou expressões podem ser indicadas como palavras-chave do texto, sendo elas: ouvir, semente, semeador, caminho, terreno pedregoso, sol, espinhos, fruto, brotar, crescer e produzir. Continuando em nossa análise, deparamo-nos e escolhemos sete verbos principais que estão entrelaçados entre si do início ao fim da nossa passagem (Mc 4,3-9) e que são de suma importância para que o contato com o texto seja profundo, são esses: ouvir, sair, semear, dar, brotar, crescer e produzir.

O texto se desenvolve dentro de dois cenários, sendo o primeiro cenário é o que Jesus conta a parábola. Ele está ensinando uma grande multidão junto ao mar da Galileia, sentado dentro de um barco, enquanto a multidão permanecia na terra. Essa descrição é encontrada nos versículos anteriores (Mc 4,1-2) à parábola aqui apreciada. Atravessando o texto propriamente explorado (Mc 4,3-9), encontramos o cenário de um semeador que sai para semear e prossegue seu caminho passando por vários “subcenários” (à beira do caminho, o terreno pedregoso, os espinhos e a terra boa).

### *2.3. Gênero Literário*

De modo geral, analisando a obra de Marcos com a finalidade de encontrar o seu gênero literário, entendemos que é necessário um aprofundamento histórico desse escrito. Assim, é de suma relevância o que afirma Monasterio sobre os leitores gregos que “sob o influxo de sua cultura, leram Marcos como uma biografia; mas sua verdadeira fonte de inspiração é a história teológica do A.T”<sup>8</sup>. Prosseguindo com tal análise encontramos o texto de Marcos dentro de um gênero literário chamado de “história teológica aplicada à tradição sobre Jesus”, com o conteúdo “evangelho”, considerando aqui que tal termo assume o sentido literário.

Ao investigarmos a respeito do gênero literário, presente no fragmento (Mc 4,3-9), percebemos a forma didática de Jesus que ensina e anuncia o Reino com o auxílio de parábolas. Nessa perspectiva, é importante citarmos que “na bíblia ainda não aparece a

---

<sup>8</sup> MONASTERIO, 2012, p.114.

“parábola” como um gênero literário bem definido”<sup>9</sup>. De fato, somente Jesus emitia parábolas sobre o “reino de Deus”, à medida que:

Os mestres da lei empregavam em seu ensinamento diversos tipos de *mashal* (é empregado para falar indistintamente de comparações, provérbios, adivinhações, fábulas ou alegorias) e inclusive relatos muito parecidos com as parábolas de Jesus em sua forma e conteúdo, mas com uma função muito diferente<sup>10</sup>.

As parábolas são muitas das vezes interpretadas como se fossem narrativas do nosso mundo com sentidos celestes, porém, não é bem assim que devemos entendê-las, especialmente no Evangelho de Marcos, pois as parábolas são “perfeitamente coerentes com a estratégia global da narrativa realista de Marcos, em que cada uma e todas as simbólicas apocalípticas são conservadas “sedimentadas”<sup>11</sup>. A escrita parabólica caracteriza-se também por sempre pretender dar resposta a alguma crise recorrente em sua época. Com essa forma de Jesus ensinar fica perceptível que “a hostilidade e a tensão não fizeram Jesus parar com o anúncio do Reino feito mediante uma linguagem obscura e enigmática, capaz de provocar efeitos diversos”<sup>12</sup>.

Por fim, as parábolas possuem a característica de sempre expor a sua história com uma carga a mais de “exagero”, no sentido de ser capaz de acrescentar na história contada dados que “escorrem entre os dedos” quando confrontados com a lógica da realidade. Tais “exageros” possuem a tarefa de chamar a atenção do ouvinte, considerando que as parábolas comumente explicam-se por si mesmas. Com efeito, as parábolas são em última instância a “expressão da ocultação de Deus neste mundo e de como o conhecimento de Deus reclama o homem todo – um conhecimento que se identifica com a vida; conhecimento que não pode dar-se sem “conversão”<sup>13</sup>. Dessa forma, as parábolas se-nos-apresentam como uma sutil ferramenta de Jesus para o êxito do anúncio do reino de Deus que impele o receptor da mensagem evangélica a interagir, por meio de sua resposta de conversão, com o mistério parabólico.

---

<sup>9</sup> PAGOLA, 2011, p.147.

<sup>10</sup>PAGOLA, 2011, p.147.

<sup>11</sup>MYERS, 1992, p.218.

<sup>12</sup>MARCONCINI, 2012, p.208.

<sup>13</sup>BENTO XVI, 2007, p.173.

## 2.4. Intertextualidade

A intertextualidade nos permite entrar em contato com as possíveis correlações que o texto de Mc 4,3-9 possui com outros escritos da Sagrada Escritura. Nesse sentido, antes de explorarmos propriamente as correlações com a parábola do semeador, apontamos um texto do saltério<sup>14</sup> que fala sobre a escrita parabólica e os seus mistérios, “pois vou abrir a boca com uma *parábola*, farei brotar enigma do passado”<sup>15</sup>. Assim o salmo nos parece ser correlato com o gênero parabólica. Muito provavelmente a multidão que Jesus se comunicava ao contar a parábola do semeador na beira do mar da Galileia, possuía um coração de pedra. Por isso que, por meio das Parábolas “Ele nos fez conhecer o mistério de sua vontade”<sup>16</sup>.

Nesse sentido, no Novo Testamento, Paulo não deixa de externar em suas cartas as exortações de Jesus como uma forma de anúncio do Reino para a conversão daqueles que possuíam um duro coração, “[...] desejo que conheçais este mistério: o endurecimento de uma parte de Israel vai durar até que tenha entrado a totalidade dos gentios”<sup>17</sup>. Além disso, também podemos estabelecer algumas interconexões da parábola do semeador com textos do Antigo Testamento, como o Gênesis, Deuteronômio, e alguns profetas.

No livro do Gênesis, já percebemos que desde a narração da criação do mundo se fala sobre a semente que cai na terra com a finalidade de brotar. “Deus disse: a terra faça brotar a vegetação, ervas que deem semente e árvores frutíferas, que sobre a terra deem fruto com sua semente, segundo sua espécie”<sup>18</sup>. Por conseguinte, desde o AT Deus fala com o seu povo e pede para que o “escutem”, “ouçam”, com atenção as suas palavras. “Escuta, Israel! O Senhor é nosso Deus”<sup>19</sup>. Como na perícopes analisada, não por acaso, encontramos a mesma exortação na abertura (Mc 4,3) e no fechamento (Mc 4,9), da parábola.

Isaías fala sobre a chuva que cai do céu e para lá não volta mais, alimenta a terra e a torna fecunda fazendo-a germinar, “produzindo semente para quem semeia e pão para quem come [...]”<sup>20</sup>. No capítulo seis, nos deparamos com a vocação do profeta e o chamado de Deus a ele. Deus lhe confere a missão de dizer ao povo o seguinte: “Ouvindo,

---

<sup>14</sup> Conjunto dos 150 salmos.

<sup>15</sup>Sl 78,2.

<sup>16</sup>Ef 1,9.

<sup>17</sup>Rm 11,25.

<sup>18</sup>Gn 1,11.

<sup>19</sup>Dt, 6,4.

<sup>20</sup>Is 55,10.

ouvireis, mas não entenderéis; vendo, vereis, mas não conhecereis”<sup>21</sup>. O povo que o profeta vai enfrentar é duro de coração e não o escutará com facilidade. Porém, Deus também consola o profeta falando sobre os que restarem na cidade, “aquilo que nela restar será uma semente santa”<sup>22</sup>. Assim é a semente que cai em terra boa, aquela que sobra para o último terreno, essa deve permanecer afim de santificar-se produzindo frutos.

Ademais, sobre o tema da semente também encontramos resquícios em Ezequiel na narração sobre a alegoria do cedro, “assim diz o Senhor Deus: eu pegarei uma muda do topo do cedro e a plantarei sobre um alto e escarpado monte”<sup>23</sup>. O cedro produziu belas folhagens e abundantes frutos, os pássaros pousavam sobre ele e as aves faziam ninhos em seus galhos. Assim também é a terra boa que recebe a semente, sem reservas para si mesma, mas se entrega inteiramente à comunhão mútua.

Nos provérbios, podemos citar o versículo dezoito do capítulo onze, onde se trata da questão da justiça nas relações comerciais. É feita uma comparação dos perversos com os justos, na qual os perversos produzem engano e os que semeiam a justiça possuem a sua recompensa. No capítulo doze, especificamente, se fala da agricultura e do cultivo do próprio campo. Alguns outros textos no livro dos Provérbios podem ser lembrados pois podem ser relacionados com a parábola do semeador. Como por exemplo: “o preguiçoso não ara no outono, na colheita ele pede e não há nada”<sup>24</sup>. “Quem semeia maldade colhe desgraça”<sup>25</sup>. “Passei pelo campo de um preguiçoso, pela vinha de um homem sem juízo: era só espinhos crescendo [...]”<sup>26</sup>.

Por fim, constatamos que a parábola do semeador também está presente no evangelho de Mateus (Mt 13,1-9) e no evangelho de Lucas (Lc 8,4-8). Em João, não temos a mesma parábola, porém ele não deixa de falar sobre questões relacionadas a semente, “se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só; mas, se morre, produz muito fruto”<sup>27</sup>. Neste caso, a semente é representada na forma de grão de trigo, que possui a morte como condição essencial para sua produção de fruto.

---

<sup>21</sup>Is 6,9.

<sup>22</sup>Is 6,13.

<sup>23</sup>Ez 17,22.

<sup>24</sup>Pr 20, 4.

<sup>25</sup>Pr 22,8.

<sup>26</sup>Pr 24,30-31.

<sup>27</sup>Jo 12,24-25.



### **3. Análise histórico-sociológica**

Para darmos continuidade à nossa análise do Evangelho de Marcos, queremos ressaltar que os “textos literários estão em profunda conexão com as sociedades nas quais foram escritos”<sup>28</sup>. Nesse sentido, percebemos que as comunidades possuem características próprias que, sem dúvida, estão entrelaçadas com o texto, aqui texto e contexto são indissociáveis.

Ao observarmos a comunidade de Marcos, percebemos que está passando ou passou pelo período da perseguição de Nero, por volta do ano 65. Tais dados são constatados por Monasterio (2012), bem como por Scot Hahn, que afirma: “é possível que o público-alvo de Marcos fosse alvo de perseguições violentas àquela época (a perseguição neroniana se deu por volta de 64 a 68 d.C.)”<sup>29</sup>. Jerusalém estava sob o domínio do exército romano por volta de 69-70 d.C., nessa época temos a chamada “guerra do 70” em Jerusalém, na qual a cidade é destruída pelos romanos. Vespasiano estava no comando do Império romano e nomeou seu filho, Tito, para conduzir a guerra.

Foram tempos sombrios para a comunidade, com muita destruição, caos, medo, abandono, etc. Podemos perceber a presença de tais características quando as mulheres diante da Ressurreição de Jesus se expressam por meio dessas mesmas “particularidades”. “Saíram fugindo do sepulcro, tremendo e fora de si. E por puro medo, nada disseram a ninguém”<sup>30</sup>.

A realidade exige da comunidade cristã uma resposta de fé cada vez mais autêntica, que aos poucos vai se distinguindo da fé judaica. É salutar na comunidade cristã de Marcos uma posição mais precisa, com relação à messianidade e ao poder de Jesus. Nesse sentido, o conteúdo transmitido pelo evangelista corresponde à própria vida de Cristo como modelo perfeito para a comunidade.

Conforme a narração de Marcos, percebemos que as testemunhas da primeira geração do cristianismo estavam perecendo. Nessa perspectiva, o intuito da narração se dá em torno da fixação da tradição. Tal fixação possui sua perspectiva missionária que é uma característica muito expressiva na comunidade de Marcos, considerando que “pela presença dos judeus-cristãos, a comunidade está aberta à missão, como as numerosas referências ao querigma e à catequese deixam entrever (1,21-28; 7,24-30; 14,9)”<sup>31</sup>.

---

<sup>28</sup>JUNIOR, 2017, p.37.

<sup>29</sup>HAHN, 2014, p.20.

<sup>30</sup>Mc 16,8.

<sup>31</sup>MARCONCINI, 2012, p.94.

Devemos lembrar que os discípulos são indivíduos pertencentes à comunidade e ao nos aproximarmos do Evangelho de Marcos podemos observar que são interpelados constantemente, pois estes serão mais tarde os cooperadores com a missão de Jesus no anúncio do reino de Deus. Marconcini faz uma análise desse fato de forma geral, “grande destaque tem Pedro (citado 25 vezes), ‘os doze’ (mencionados onze vezes, oito em Mateus e sete em Lucas) [...] e ainda ‘os discípulos’ (citados 43 vezes)”<sup>32</sup>.

Há discussões que dizem ser uma comunidade de origem romana, e há quem diga ser uma comunidade de origem sírio-fenícia. Explorando a primeira hipótese podemos considerar que “as citações mais antigas de Marcos se encontram nas obras associadas a Roma, em I Clemente 15,2 e Hermas (*Similit.*, 5,2)”<sup>33</sup>.

Também Scott Hahn afirma que: “Marcos escreveu seu evangelho principalmente para os fiéis gentios do Império Romano”<sup>34</sup>. Isso pelo fato de encontrar em alguns momentos no evangelho de Marcos a elucidação de práticas judaicas que podem ser interpretadas como estranhas a seus leitores (Mc 7,3-4; 14,12). Também por ter traduzido algumas palavras e frases do aramaico (Mc 3,17; 5,41; 15,34). Por ter latinizado alguns termos fazendo com que não acompanhem o grego (Mc 12,42; 15,16). Igualmente é interessante que o ponto alto da narrativa de Marcos se dá com a confissão de fé de um soldado romano (15,39).

Já na segunda hipótese, sendo uma comunidade de origem sírio-fenícia, podemos destacar a partir da narrativa de Marcos que a comunidade receptora da mensagem evangélica é uma comunidade muito simples, com povos da terra, especificamente camponeses e agricultores. “Recorrendo a imagens da terra e da sólida sabedoria da vida camponesa, este sermão faz surgir a esperança diante das desigualdades opressoras e introduz o discurso do paradoxo revolucionário na estória”<sup>35</sup>. Os exemplos utilizados na linguagem parabólica parecem ser aplicados a partir de uma linguagem acessível e entendível aos seus interlocutores, isso é perceptível especialmente a partir da linguagem utilizada por Marcos na perícopa tratada (Mc 4,3-9), a utilização da ideia de “semente”, “terra”, “fruto”, etc. Dessa maneira, se a comunidade era formada por camponeses e agricultores certamente o entenderiam com facilidade.

---

<sup>32</sup>MARCONCINI, 2012, p.95.

<sup>33</sup>MONASTERIO, 2012, p.163.

<sup>34</sup>HAHN, 2014, p.20.

<sup>35</sup>MYERS, 1992, p.213.

Adotando essa linha de pensamento temos a Galileia como o cenário geográfico onde Marcos descreve as obras de Jesus. É certo que podemos contemplar esse território em forma de geografia simbólica, compreendendo que, “é na Galileia que Jesus, depois da morte e ressurreição, irá à frente de seus discípulos (Mc 16,7) [...] Jesus, chama na Galileia os quatro primeiros discípulos (Mc 1,16-20)”<sup>36</sup>. Além disso, a Galileia era uma das áreas de Israel caracterizada por possuir grande parte de terras férteis, sendo assim isso facilitava a cultura agrícola na região. Ao passo que, por exemplo, a região da Judeia possuía muitas terras áridas com a presença de desertos. Harrington vai dizer que a semeadura frequentemente “precedia o plantio e o semeador teria retornado para cultivar os lugares onde tinha semeado.

Assim, a parábola comprovaria um cenário original na Palestina<sup>37</sup>. Outro ponto interessante é que, especialmente na parábola do semeador, Jesus está junto ao mar e dentro de um barco, ou seja, é notório que o barco era o meio de transporte da época. Isso pode cooperar ainda mais com a ideia de que os seus interlocutores eram pessoas simples que muito provavelmente viviam da pesca.

#### **4. Análise teológica**

Todas as observações e análises descritas até aqui, foram profundamente necessárias para chegarmos ao cume de nosso trabalho. A análise teológica caracteriza-se como o momento mais importante da exegese bíblica, justamente pelo fato de ser o “coração” da interpretação. Neste ponto temos o intuito de questionar como o evangelho de Marcos, com ênfase na parábola do semeador, pode nos conduzir a Cristo. Assim percorreremos um caminho de atualização da mensagem evangélica para a nossa realidade.

Dito isto, não podemos esquecer que a pedagogia de Jesus é “diferenciada”, no que diz respeito ao seu poder de influenciar, com simplicidade, aqueles que estavam à sua volta. Pagola vai dizer que, Jesus “com criatividade inesgotável, inventava imagens, concebia belas metáforas, sugeria comparações e, sobretudo, narrava com maestria parábolas que cativavam as pessoas”<sup>38</sup>.

---

<sup>36</sup>Bíblia da CNBB, p.1390.

<sup>37</sup>HARRINGTON, In. *Novo comentário Bíblico São Jerônimo*, 2011, p.82.

<sup>38</sup>PAGOLA, 2011, p.145.

Em Mc 4,3-8 temos uma abertura como introdução da parábola, que diz: “*Ouvi! Um semeador saiu a semear*”<sup>39</sup>. O emprego do verbo *ouvir* é utilizado não por acaso mas parece ser uma exortação fundamental para entendermos a mensagem da parábola do semeador e seu contexto. O mesmo verbo adquire ainda mais importância quando também aparece no versículo que caracteriza o fechamento da parábola, “E acrescentou: “Quem tem ouvidos para *ouvir*, ouça!”<sup>40</sup>. Certamente os receptores da mensagem de Jesus não estavam muito atentos aos seus ensinamentos, por isso a insistência na qualidade do ouvir. Provavelmente, o ouvir seja uma expressão que vai além do simples exercício de um dos sentidos humanos, mas apela para um ouvir fundamental que, sem dúvida, deve estar presente na vida de quem anseia seguir os passos de Jesus de Nazaré. Ele fala do “ouvir” no profundo sentido da palavra, no qual quem ouve deve possuir uma perspicaz atenção afim de ser capaz de assimilar o conteúdo do ouvir na própria vida. Os Padres da Igreja, especificamente Pseudo-jerônimo vai constatar algo semelhante dizendo que:

Todas as vezes que essa advertência é inserida no Evangelho ou no Apocalipse de João, insinua-se que o que é dito deve ser ouvido e aprendido em sentido místico: pois os ouvidos para ouvir são os ouvidos do coração e do sentido interior, que nos levam a obedecer e a fazer o que nos foi ordenado.<sup>41</sup>

Essa atenção que Jesus deseja provocar em seus ouvintes não é fruto de uma transmissão de novas ideias mas tem o intuito de fazer com que esses camponeses ou pescadores estejam abertos ao reino de Deus.

Faz-se interessante percebermos que o local de onde Jesus fala aos que o escutam é um simples barco. A capacidade de Jesus de assimilar a realidade de seu povo é tremenda, a sua simplicidade em ser um homem da terra nos mostra que mesmo sendo Deus se esvazia de si para fazer a vontade do Pai que o envia para tal missão, instaurar o reino de Deus em toda a realidade humana. Nessa perspectiva, segundo São Beda<sup>42</sup>, a barca adquire um sentido de prefiguração eclesial: “Esta barca prefigurava a Igreja que seria construída em meio às nações, na qual o Senhor consagra para Si Sua amada morada”<sup>43</sup>.

---

<sup>39</sup>Mc 4,3.

<sup>40</sup>Mc 4,9.

<sup>41</sup>AQUINO, 2019, p.88.

<sup>42</sup>Monge inglês que viveu nos mosteiros de São Pedro, em Monkwearmouth, e São Paulo, na moderna Jarrow, no nordeste da Inglaterra, uma região que, na época, era parte do Reino da Nortúmbria.

<sup>43</sup>AQUINO, 2019, p.86.

Algumas palavras da parábola do semeador se apresentam como cruciais para a interpretação e reflexão teológica, como o semeador, a semente, os quatro terrenos, etc. Scott Hahn vai dizer que, “Jesus é o semeador cuja mensagem suscita diversas respostas. A condição do solo em cada cenário é o que determina a reação de alguém diante de Jesus e de sua mensagem”<sup>44</sup>.

Segundo a interpretação de Hahn, o semeador é o próprio Jesus, e cada solo apresentado é o coração de cada pessoa que recebe a sua mensagem. A semente é a mensagem, isto é, a palavra de Deus. Estamos diante de três momentos em que a semente cai e não é capaz de germinar. Num primeiro momento a semente cai pelo caminho, “ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, vieram os pássaros e a comeram”<sup>45</sup>, os pássaros são considerados como Satanás que antes mesmo da palavra de Deus entrar no coração das pessoas ele a rouba e não permite que ocorra a sua fecundação.

Num segundo momento outra parte da semente cai em terreno pedregoso, justamente pelo fato de haver muitas pedras em meio a terra, a semente “brotou logo, porque a terra não era profunda; Mas, ao sair o sol, queimou-se e secou, por não ter raiz”<sup>46</sup>. Brakemeier vai dizer que essa é a categoria de pessoa que “recebe a palavra com alegria, mas não consegue resistir às agruras da vida. Sofrimento, perseguição e demais infortúnios matam a jovem planta, que não consegue criar raízes”<sup>47</sup>. Esses são aqueles que acolhem a palavra de Deus, a semente até chega a brotar porém, logo é queimada pelo sol pois não havia criado raízes, ou seja, não conseguiu firmar-se na profundidade do mistério da palavra de Deus.

O semeador, seguindo o caminho e dando continuidade em sua tarefa de semear, chega ao terceiro terreno em que cai a terceira parte de sua semente entre os espinhos, porém, “os espinhos cresceram e a sufocaram e não deu fruto”<sup>48</sup>. A semente que fica entre os espinhos logo seca e é sufocada, tais pessoas que representam esse terreno estão muito distraídas com as preocupações e ambições do mundo e “provocadas pela fascinação da riqueza e por outras seduções sufocam a palavra e não permitem que traga fruto”<sup>49</sup>.

Mais uma missão mal sucedida. Seria a semente o problema? Refletindo sobre tal questão e acompanhando nosso raciocínio de interpretação, isso não seria possível pois

---

<sup>44</sup>HAHN, 2014, p.40-41.

<sup>45</sup>Mc 4,4.

<sup>46</sup>Mc 4,5-6.

<sup>47</sup>BRAKEMEIER, 2016, p.53.

<sup>48</sup>Mc 4,7.

<sup>49</sup>BRAKEMEIER, 2016, p.53.

na missão de um agricultor tem sempre uma preparação que sem dúvida, “inicia com a escolha da semente e o cuidado com sua qualidade”<sup>50</sup>. Portanto, a semente estava muito bem preparada, mas vimos até aqui que, o que prejudica a sua germinação, é o terreno que a recebe, ou seja, o coração humano que muitas vezes não está preparado para acolher o amor de Deus.

Por fim, a última parte da semente “caiu na terra boa e deu fruto, brotou, cresceu e produziu trinta, outra sessenta e outra cem”<sup>51</sup>. Nos outros três terrenos temos as consequências (comeram, queimaram, sufocaram), e como contraste a essa grande oposição ao evangelho, a terra boa recebe a palavra com muita prontidão, é capaz de brotar, crescer e produzir abundantemente. “Finalmente, existe também gente que é terra boa. Aceitam a semente, fazendo com que dela possa nascer grande colheita”<sup>52</sup>.

Ademais, lembramos que alguns temas e doutrinas teológicas fundamentais podem ser enquadrados na parábola do semeador. A semente que faz a experiência de cair em um dos terrenos não tão bons percebe que seu terreno não estava preparado para recebê-la. Desse modo, podemos identificar esses terrenos como propensos à ação do pecado, que aqui está caracterizado de fechamento, de “não abertura” à ação do Espírito Santo. O pecado no NT é entendido como falta contrária a lei e consequentemente contra a vontade de Deus, mas também como “recusa de se submeter a Cristo o Redentor, e como falta de fé na sua pessoa e na sua palavra, pela qual o homem se torna culpado, se exclui do Reino de Deus [...]”<sup>53</sup>.

O pecado movimenta o ser humano para o distanciamento do verdadeiro amor. Faz com que permaneça enclausurado em si mesmo. De fato, o mistério de Deus só produz frutos abundantes no coração do homem se este mesmo acolher, aceitar e permitir que a graça de Deus faça ali a sua morada. Nessa perspectiva, Bento XVI nos oferece uma profunda reflexão:

No mundo marcado pelo pecado, o peso, o centro de gravidade da nossa vida é caracterizado pela prisão no Eu e no anonimato, que deve ser rompida para um novo amor, o qual nos desloca para outro campo de gravidade e nos permite viver de um modo novo<sup>54</sup>.

---

<sup>50</sup>BRAKEMEIER, 2016, p.55.

<sup>51</sup>Mc 4,9.

<sup>52</sup>BRAKEMEIER, 2016, p.53.

<sup>53</sup>*Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, 1985, p.1154.

<sup>54</sup>BENTO XVI,2007, p.173.

Em contrapartida, temos o terreno que se deixa ser tocado pela semente, que acolhe com amor a sua mensagem de graça e salvação. São Paulo vai dizer que na íntima relação com Cristo, o cristão “não está mais debaixo da lei, mas debaixo da graça”<sup>55</sup>. Nesse sentido, a terra boa está vivendo constantemente na graça de Deus que consiste em viver segundo o Espírito, ou seja, “o espírito de Deus, portanto, é o princípio da vida sobrenatural, ou, como diz São Paulo, da vida nova (Rom 6,4), da vida em Cristo (8,2), que é a vida da graça santificante”<sup>56</sup>.

Segundo a lógica humana, muito provavelmente o fato de o semeador ter passado por insucessos nas três primeiras tentativas com as suas sementes, e mesmo assim ter continuado, faz dele um inconsequente. Ele pode ser interpretado como alguém que não foi capaz de avaliar o peso das suas três primeiras tentativas que foram desastrosas. Porém, é interessante percebermos que o ímpeto que este humilde homem possui é o que faz dele um verdadeiro cristão. Ele é como aquelas pessoas que não desistem, mesmo diante das provações e perdas que a vida apresenta. “Três vezes a semente não chega a produzir, três vezes o trabalho investido foi em vão, três vezes o resultado foi nulo. Mesmo assim não há motivos para desanimar”<sup>57</sup>. O semeador é perseverante, é um homem de autêntica fé. De fato, a natureza da fé está justamente nessa “confiança sobrenatural, que torna o homem capaz de fazer grandes coisas e até milagres”<sup>58</sup>.

As ideias de frutificar e produzir, podem ser consideradas características do ser Igreja, como um cristão que é fértil na vida da Igreja, que é disposto, que produz para alimentar aqueles que estão fracos na caminhada, que não estão sendo capazes de acolher a semente da palavra de Deus. Caminhando assim, com a Igreja peregrina na terra que contempla a Deus, a fonte de tudo. É muito importante a prontidão em ser paciente, lembrando aqui o trecho daquele conhecido poema de Santa Teresa de Jesus “a paciência tudo alcança”, pois essa é uma árdua tarefa que, hora será bem sucedida, hora desastrosa, porém, “fracassos não justificam o pessimismo com relação à incumbência recebida. É a causa de Deus que está em jogo. E ela tem a promessa de êxito”<sup>59</sup>.

A mensagem de Jesus é para todos, como a semente que se dirige aos variados tipos de terreno. Assim também o faz Jesus para que todos cheguem ao cumprimento pleno da vontade de Deus. Ele mesmo se dá enquanto semente capaz de transformar o

---

<sup>55</sup>Rom 6,14.

<sup>56</sup>*Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, 1985, p.651.

<sup>57</sup>BRAKEMEIER, 2016, p.52.

<sup>58</sup>cf. Mc17,20; 21,21.

<sup>59</sup>BRAKEMEIER, 2016, p.53.

terreno do coração da humanidade, independente da realidade em que o terreno se encontra. Dessa maneira, se contempla a sua bondade e misericórdia como critério fundamental de sua entrega na cruz. Bento XVI vai afirmar que: “o seu “fracasso” na cruz é precisamente o caminho para chegar a todos, dos poucos aos muitos: “E Eu, quando for elevado da terra, hei de atrair todos a Mim” (Jo 12,32)”<sup>60</sup>.

Sem dúvida, há um incansável esforço que a terra precisa se submeter para que a semente frutifique, por isso “a parábola exige a colaboração do aprendiz, ao qual não somente se traz alguma informação, mas ele mesmo deve acolher o próprio movimento da parábola e seguir com esse movimento”<sup>61</sup>. Isso fica nítido na parábola quando percebemos que a semente vai ao encontro de todos os tipos de terra porém, a única que brotou e produziu foi a terra boa que estava certamente se preparando a um bom tempo. Deve ter passado por longos e intensos dias de sol, talvez ficado uns muitos dias sem água. Provavelmente o frio deve ter sido sua companhia por meses. As folhas a cobriram por um tempo, mas mesmo assim ela não desanimou e passou os seus dias na espera daquela semente que estava preparada para germinar em seu seio. Chegaram os dias de se sentir completa com a sua semente, assim em uma cooperação mútua, se tornaram uma só. Não obstante, também Deus quer fazer assim com os seus, onde no fim dos tempos o seu projeto de Salvação se plenificará e Deus será “tudo em todos”<sup>62</sup>.

## **5. Considerações finais**

Concluindo esta exegese, podemos entender que as parábolas de Jesus têm como plano de fundo o mistério da cruz, assim Bento XVI vai dizer que “elas não falam apenas disso, elas lhe pertencem”<sup>63</sup>. Desse modo, a cruz se torna o caminho para se chegar ao terreno bom, a Ressureição. Como a terra boa acolhe a semente também Cristo acolhe a vontade do Pai, afim de frutificar o rebento da Salvação a toda a humanidade. Podemos também entender Jesus como o semeador por excelência, que em sua vida pública nos deixou o exemplo que espalha sementes de fé, amor e esperança a todos os que encontrava. É fato que na semente o que está por vir já está aí, porém de um modo velado,

---

<sup>60</sup>BENTO XVI, 2007, p.170.

<sup>61</sup>BENTO XVI, 2007, p.172.

<sup>62</sup>1Cor 15, 28.

<sup>63</sup>BENTO XVI,2007, p. 171.



ou seja, já se tem na semente aquilo que ela será no futuro, por isso ela é “presente de esperança”<sup>64</sup>.

Os feitos de Jesus não desejam comunicar conhecimentos abstratos incapazes de mergulhar na profundidade de nós mesmos. Seu projeto deseja “conduzir-nos ao mistério de Deus – para a luz que os nossos olhos não suportam e da qual fugimos”<sup>65</sup>. A mensagem evangélica transmite um conhecimento que se identifica com a vida, com as dores e angústias da humanidade, bem como com as alegrias e realizações. A ideia de que o processo da semeadura não culmina na terra boa por acaso, ou seja, esse fato não é uma ilusão, mas um projeto de amor para ambos, a semente e o terreno, deve permanecer no coração do ouvinte da parábola do semeador.

O pressuposto fundamental da parábola se encontra na semente que mesmo caindo em terra boa ainda tem que se entregar à morte, para que assim se desenvolva e seja capaz de frutificar. Como o grão de trigo que quando cai na terra, se não morre, continua apenas um grão de trigo, mas se morre dá muito fruto (Jo 12,32). Essa é a lógica da morte que tem em si um sentido maior, gerar vida. Portanto, ser semente é preparar-se para deixar-se ser lançado, sem saber o destino. Ser terreno exige uma fase propedêutica de preparação para tal missão, acolher a semente. Podemos estar em ambas realidades, porém, uma única tarefa pertence à semente e ao mesmo tempo ao terreno, a preparação.

Mediante o exposto, compreendemos a responsabilidade do discípulo de Jesus, que deve dispor-se à preparação, que não é uma tarefa fácil, mas um exigente trabalho de permitir-se ser modelado segundo a graça divina. Como os vasos de barro que se submetem ao fogo muitas vezes, assim como se deixam ser modelados pelo oleiro, para enfim serem destinados à sua finalidade: carregar em si o ouro que é vontade de Deus.

## Referências

- AQUINO, Santo Tomás. *Catena Aurea – Exposição contínua sobre os evangelhos*. Vol. 2: Evangelho de São Marcos. São Paulo: Ecclesiae, 2019.
- BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Verbum Domini*. Roma, 30 de Setembro de 2010. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_ben-xvi\\_exh\\_20100930\\_verbum-domini.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html)  
Acesso em: 06/11/2019.
- BÍBLIA DA CNBB. Brasília, DF: Edições CNBB, 2019.
- BORN, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *As parábolas de Jesus: imagens do reino de Deus*. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

---

<sup>64</sup>BENTO XVI, 2007, p.170.

<sup>65</sup>BENTO XVI, 2007, p.172.

- BROWN, Raymond E. FITZMYER, A. MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. São Paulo: Paulus, 2011.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Dei verbum, sobre a Revelação Divina*. Roma, 18 de Novembro de 1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html) Acesso em: 13/11/2019.
- HAHN, Scott. MITCH, Curtis. *O Evangelho de São Marcos: cadernos de estudo bíblico*. São Paulo: Ecclesiae, 2014.
- HARRINGTON, Daniel J. O evangelho segundo Marcos. In: BROWN, Raymond E. FITZMYER, A. MURPHY, Roland E. *Novo comentário Bíblico São Jerônimo*. São Paulo: Paulus, 2011.
- JUNIOR, João Luiz Correia. SOARES, Sebastião Armando Gameleira Soares. *Roteiro para analisar textos da Bíblia*. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos, 2017.
- MARCONCINI, Benito. *Os Evangelhos Sinóticos*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- MONASTERIO, Rafael Aguirre. CARMONA, Antonio Rodríguez. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2000.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- SÃO JOÃO PAULO II. *Celebração com os “delegados da Palavra” em Honduras*. La Ceiba-San Pedro Sula, 8 de Março de 1983. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19830308\\_san-pedro-sula.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/documents/hf_jp-ii_hom_19830308_san-pedro-sula.html) Acesso em: 06/11/2019.

Recebido em: 30/04/2021

Aprovado em: 30/09/2021